

Falta leite materno no DF

Número de doadoras é pequeno e os bancos de leite dos hospitais lançam campanha

Eliane Trindade

Os recém-nascidos que necessitam de internação nos hospitais por serem prematuros ou portadores de doenças congênitas estão enfrentando uma dificuldade extra: a falta de leite materno. Os oito bancos de leite dos hospitais públicos do DF travam uma guerra diária para conseguir os cerca de 30 litros do produto para atender à crescente demanda. Nesse período de férias, quando muitos se ausentam de Brasília, a situação é crítica, com quase todos os bancos tendo leite apenas para o dia, não conseguindo manter um estoque de segurança para atender ao berçário.

A responsável-técnica pelos bancos de leite da Fundação Hospitalar, Marly Simões Vitali, ressalta a necessidade de conscientização das mães que têm leite em excesso. "O fato de doar não deixa faltar para o próprio filho", enfatiza. De acordo com a médica, o organismo providencia a reposição e o aumento da produção. Para fazer a doação basta ligar para os bancos de leite e iniciar o procedimento de coleta. Antes, é feita uma ficha da doadora, para a avaliação das condições de saúde da mulher.

No limite

Em razão do pequeno número de doadoras, o leite depositado nos bancos só tem sido suficiente para os bebês internados nos berçários. As crianças maiores que também necessitam de leite materno, principalmente aquelas internadas com diarreia crônica e que têm intolerância ao leite de vaca, não estão podendo contar com o produto. Segundo Marly Vitali, no Hospital Regional da Asa Sul (HRAS) — que possui o maior banco de leite da rede — há seis meses só vem conseguindo cobrir a necessidade do berçário, não tendo leite suficiente para os bebês da enfermaria. Só o

HRAS utiliza de 6 a 7 litros por dia, para uma média de 30 recém-nascidos.

A assistente social e uma das coordenadoras do banco do HRAS, Francis de Roure, ressalta que o objetivo de colher o leite materno e ali depositá-lo é manter o aleitamento enquanto a criança com problemas está no hospital. "Nem sempre a mãe consegue produzir leite no período em que seu filho prematuro está hospitalizado", frisa a coordenadora, explicando que essa mãe geralmente está sob forte stress emocional. Em alguns casos, a mãe está impossibilitada de amamentar seja por ter enfrentado uma gravidez de alto risco ou pela condição do próprio bebê. Os prematuros não conseguem sugar, o que inibe a lactação.

Sonda

Diante desse quadro, as mães-de-leite são fundamentais. "Quanto mais se tira, mais leite se acumula", ressalta Marly. Para cada litro coletado pelo banco necessárias em média dez doadoras. Para a filha de Maria Pereira de Souza, nascida prematuramente no dia 24 de novembro do ano passado, o leite que recebe diariamente do banco do HRAS — onde está internada — é vital. O bebê nasceu de sete meses, pesando 1,4 quilo. No berçário, ela recebe oito mamadas diárias, sendo alimentada através de uma sonda colocada pelo nariz. Maria tem pouco leite, e a filha sobrevive com o leite doado.

Se para qualquer criança o leite materno é o ideal, para as que nascem com problemas é imprescindível. "O leite humano é insubstituível, seja pelo aspecto nutritivo, imunológico e também pelo aspecto afetivo que envolve a amamentação", enumera a responsável pelos bancos de leite. Nos berçários, o lado afetivo da amamentação é substituído por outro ato de amor, que é a doação.



A crescente demanda por leite materno leva os hospitais a buscarem novas doadoras